

**A TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
DA VARIANTE CULTA DO LATIM**

Néstor Dockhorn

INTRODUÇÃO

Problema muito importante na aprendizagem de línguas estrangeiras é adquirir uma pronúncia correta das mesmas. As dificuldades para adquirir essa pronúncia correta podem decorrer de vários fatores, como abaixo descrevemos.

1 Pode acontecer de o docente da língua estrangeira não a ter como língua materna e não ter adquirido uma pronúncia exata da mesma.

2 Pode acontecer de o docente ter a língua em questão como língua materna, mas não saber identificar as incorreções dos discentes, por falta de conhecimentos teóricos de Fonética.

3 Pode acontecer de o docente não ter bastantes recursos de gravações ou transcrições fonéticas da língua em estudo.

4 Pode acontecer de o docente não saber trabalhar com transcrições fonéticas, ou ter muito pouca experiência das mesmas.

Quando esses problemas dizem respeito a línguas atualmente faladas, o problema pode ser sanado ou pela permanência por algum tempo no país onde a língua é falada, ou por meio de gravações ou por meio de transcrições fonéticas. Também será grande recurso uma descrição científica e minuciosa da articulação dos sons da língua em questão.

Quando se trata da língua latina, ou da língua grega antiga, o problema é muito mais complexo, por várias razões, como explicitamos abaixo.

Atualmente, não há pessoas que falem o latim ou o grego antigo como línguas maternas. No que se refere ao grego, a pronúncia do grego atual apresenta uma série de diferenças marcantes da descrição que os estudiosos fazem da língua antiga. Quanto à língua latina, convém observar que a partir da época em que a língua latina

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

começou a ser transmitida de pai a filho numa variedade que já não podia ser qualificada como língua latina, mas como um romance, que não era mais latim, nem era alguma das línguas românicas, a própria pronúncia desse romance foi adquirindo características regionais, que se distanciavam bastante da pronúncia da variedade culta da época de Cícero.

A variedade culta da língua latina se conservou como língua dos eruditos e da Igreja. Continuou a ser ensinada nas escolas e a ser falada e escrita na universidade e nos concílios da Igreja. Ao mesmo tempo, porém, que o romance e as línguas românicas foram se desenvolvendo e sofrendo uma série de processos fonético-fonológicos, que variavam conforme as regiões, os resultados desses processos foram passando também para essa língua latina ainda conservada nas escolas e na Igreja.

Dáí resultou que, ao chegarmos ao século XX, no momento em que professores de Teologia Católica, suponhamos, de Paris, eram transferidos para a Universidade Gregoriana de Roma, apresentavam discrepâncias na pronúncia do latim, que dificultavam a compreensão para alunos provenientes de países diferentes, como Estados Unidos, Alemanha, etc.

Situação semelhante – ou talvez pior – enfrentavam os bispos católicos, ao se reunirem em sínodos ou concílios. Parece que as mais distantes transformações da pronúncia do latim ocorreram com os falantes de língua inglesa, que liam textos latinos como se fossem ingleses. Tome-se, por exemplo, a expressão latina *casus belli* (caso de guerra), que os falantes de inglês pronunciam [ˈkeɪʒəz beˈli], totalmente estranha para quem a pronuncia como [ˈkʌzʊs ˈbɛli] ou [ˈkʌsʊs ˈbɛl li].

Para tentar resolver esse problema, o Papa Pio XI determinou que, nos seminários católicos, se adotasse a pronúncia que os especialistas do Vaticano denominaram equivocadamente pronúncia romana do latim. Essa expressão dá a idéia errônea de que essa pronúncia é a pronúncia dos antigos romanos, quando, na verdade, é a pronúncia latina que os atuais romanos adotam. Esse tipo de pronúncia prejudica os estudos de Linguística Românica, porquanto, em vez de partir do início dos processos fonológicos (do *input*), parte do resultado (do *output*) a que chegou o latim, numa determinada região.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Caminho diferente seguiram aqueles pesquisadores que, desde o século XIX, procuraram descobrir qual teria sido a autêntica pronúncia dos romanos, na época de Cícero. Ernesto Faria, na sua obra *Fonética Histórica do Latim*, aponta vários autores, partindo de Benary (do ano 1837) e chegando a autores do século XX, como a Niedermann, Marouzeau e a ele mesmo.

Essa pronúncia passou a ser denominada pronúncia reconstituída do latim. Embora possa deixar alguma dúvida em algumas particularidades, ela é a única que pode ser útil para um estudo de Linguística Românica e para a história interna da língua portuguesa.

Para o estudo da pronúncia de línguas estrangeiras, é muito importante a representação de seus fones isolados ou de seus textos por algum tipo de transcrição fonética. É o que constatamos nos manuais das grandes escolas de línguas. A grande escola de línguas Langenscheidt, sediada em Berlim, na Alemanha, apresenta um sistema de transcrição fonética própria, adaptada para falantes do alemão, que ela usa ou em seus vocabulários, ou nos textos que utiliza. O método do célebre Berlitz School, sediada nos Estados Unidos, no seu *The Berlitz Self-Teacher: Spanish*, por exemplo, apresenta também um tipo de transcrição, adaptado para falantes de inglês. Outros autores, escrevendo para falantes de português, fazem uma adaptação para a grafia portuguesa: é o caso de Chafic Elia Said, no seu livro *Árabe Coloquial sem Mestre*.

A tendência, porém, dos métodos atuais de aprendizagem de línguas estrangeiras é de utilizar transcrições fonéticas produzidas dentro dos símbolos propostos pela IPA (International Phonetic Association). Assim ocorre nos métodos *O Francês por Imagens*, *O Alemão por Imagens* de Richards/Ilisley/Gibson, editadas por Hemus Editora Limitada; o mesmo, na *Gramática Sucinta de la Lengua Alemana* do Método Gaspey-Otto-Sauer, publicada pela Editorial Herder. Os mesmos símbolos fonéticos aparecem na *Gramática Francesa* e na *Gramática Alemana*, ambas produzidas por Eduardo Valentí Fiol e editadas na Enciclopédia Labor de Editorial Labor.

Por essas razões é que consideramos grande recurso para o estudo do latim a utilização sistemática dos símbolos fonéticos da IPA, tanto no estudo da Variante Culta do Latim (VCL) como na Va-

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

riante Popular (VPL). No decorrer do presente minicurso, veremos que adaptações devem ser realiza- das.

PRIMEIRA PARTE

Em nosso minicurso, trabalharemos os seguintes itens: informações sobre a IPA e seu alfabeto; técnicas e símbolos empregados; a acentuação tônica; as vogais e semivogais da VCL; pontos importantes; consoantes da VCL e consoantes do português; lembretes de casos especiais; textos transcritos; tarefas de transcrição; chaves das transcrições.

REFERÊNCIAS À IPA E A SEU ALFABETO

Nos fins do século XIX, um grupo de lingüistas criou uma Associação Fonética Internacional (International Phonetic Association). As iniciais do termo em inglês formaram a sigla IPA, que pode também representar a sigla de International Phonetic Alphabet. Para a designação do alfabeto, podemos usar em português a abreviatura A.F.I. (Alfabeto Fonético Internacional).

Essa associação foi criada em 1886 pelos lingüistas Paul Passy, Henry Sweet e Daniel Jones e teve sua sede, inicialmente, na França. Essa associação criou um alfabeto, que deveria representar os fones de todas as línguas do mundo. Durante sua história, a IPA operou revisões do alfabeto. A última foi em 1996.

TÉCNICAS, SÍMBOLOS, PRINCÍPIOS EMPREGADOS.

Aquele que quer utilizar o alfabeto fonético internacional da IPA deve aprender e praticar certas técnicas do mesmo. Para iniciar, toda transcrição fonética deve ser iniciada e finalizada com colchetes: []. Esses colchetes indicam que, dentro deles, está apresentada uma transcrição **fonética**. Eles diferenciam essa transcrição de uma transcrição **fonológica**, a qual está encerrada dentro de barras oblíquas: //.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) foram retirados, em grande parte, do alfabeto latino; outros, do alfabeto grego; outros são criação própria.

O grande princípio adotado é o da **univocidade**. Isso quer dizer que **cada símbolo corresponde a um só fone e cada símbolo só representa um fone**. Isso não costuma acontecer nas grafias das línguas atuais, como, por exemplo, na grafia do português, em que a letra **x** pode representar os fones [s], [z], [ks], [ʃ] ou o fone [k] pode ser grafado pela letra **c** ou pelo dígrafo **qu**.

A ACENTUAÇÃO TÔNICA.

O AFI assinala as sílabas tônicas, colocando um pequeno sinal (·) **antes** de qualquer sílaba acentuada. Pode também ser usado um sinal subscripto para representar sílabas subtônicas. Esse sinal de subtônicas não será utilizado em nossas transcrições de latim.

VOGAIS E SEMIVOGAIS DA VCL. PRINCÍPIOS PRÁTICOS DE TRANSCRIÇÃO.

A grafia primitiva do latim apresentava as seguintes vogais, as quais, na grafia capital (de maiúsculas) eram as seguintes: **A, E, I, O, V**. Essa grafia não distinguia vogais longas e breves.

Essa grafia também não tinha símbolos especiais para as semivogais. As minúsculas correspondentes eram as seguintes: **a, e, i, o, u**. A grafia primitiva do latim desconhecia letras como **J, j, U, v, æ, œ**.

É importante observar que no AFI não há símbolos especiais para as maiúsculas. Também não se usa pontuação, nem interrogações. Em nossas transcrições utilizamos os seguintes princípios:

a) A vogal /a/ é representada de duas maneiras: quando tônica, é representada pelo símbolo [a]; quando átona, é representada pelo símbolo [ɑ].

b) A semivogal /w/ é representada pelo símbolo [w].

c) A semivogal /j/ é representada pelo símbolo [j].

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

d) O **agma** (embrião de nasalidade, representado na grafia por -g-) é simbolizado por [ŋ] ou [ɲ] .

e) As vogais longas por natureza são acompanhadas por [ː].

f) As vogais breves por natureza não levam sinal.

g) Todo /e/ longo por natureza é representado por [eː].

h) Todo /e/ breve por natureza é representado por [ɛ].

i) Todo /o/ longo por natureza é representado por [oː].

j) Todo /o/ breve por natureza é representado por [ɔ].

k) Todo /i/ átono é representado por [ɪ].

l) Todo /u/ átono é representado por [ʊ].

Sobre a transcrição de /a/, /i/, /u/, apóio-me nas seguintes razões:

a) o /a/ tônico é mais **avançado** e o /a/ átono é mais **recuado**;

b) o /i/ tônico é mais **alto** e o /i/ átono é mais **baixo**;

c) o /u/ tônico é mais **alto** e o /u/ átono é mais **baixo**.

PONTOS IMPORTANTES

Na hora de fazer a transcrição, o estudioso deve prestar atenção aos seguintes pontos:

a) A transcrição fonética deve sempre vir precedida de colchete que se abre ([) e, no final da transcrição, deve ser posto o colchete que se fecha (]).

b) Não podem ser usadas **maiúsculas** nem **pontuação** alguma, como na grafia comum.

c) A sílaba tônica deve vir precedida do sinal [ˈ]

d) Há símbolos que sobem acima da linha, e outros que descem.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

e) Alguns símbolos têm uma curvinha na base da perna, outros têm uma barrinha.

f) Os símbolos devem ser feitos com exatidão, não ao capricho de qualquer um.

g) O estudioso deve se esforçar por fazer os símbolos **exatos, bonitos, de tamanho certo**.

h) O estudioso deverá ter paciência para verificar se as vogais são longas ou breves por natureza. Deve-se ter atenção, porque os dicionários costumam marcar a quantidade (duração) das vogais por **posição**. É importante, porém, observar a **natureza da vogal**, uma vez que sua evolução fonológica depende disso. Um exemplo simples seria a palavra **porcus**, no seu acusativo **porcum**. Se fôssemos olhar os dicionários, faríamos a transcrição [ˈpɔrkɔm]. Essa forma não evoluiria para o espanhol [ˈpwerko]. Para chegarmos a essa forma, devemos partir da variedade do latim [ˈpɔrkʊ].

i) Para entender certas distinções é importante que o estudioso tenha conhecimento das alturas das vogais. Por isso, colocamos abaixo o seguinte gráfico.

TRAPÉZIO VOCÁLICO

ANT	POST
alt alt i] -----[u]	
alt baix [ɪ] -----[ʊ]	
med alt [e] -----[o]	
med baix [ɛ]-----[ɔ]	
baix [a]--- [ɑ]	

Abreviaturas: alt = alta; baix = baixa; med = média. ANT = anterior POST = posterior

Convém notar que o /e/ longo sempre tem som fechado (vogal média alta); o mesmo para o /o/ longo (som fechado). Já o /e/ breve e o /o/ breve sempre têm som aberto (médio baixo).

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

j) Não há necessidade de distinguir os hiatos, porquanto a justaposição de vogais é sempre hiato na VCL quando ocorrer semivogal, sempre haverá um ditongo.

l) O estudioso não pode esquecer que os ditongos podem ser decrescentes, como em [ˈkajlʊm](CAELVM) ou crescentes, como em [ˈwakka](VACCA).

Convém observar que três ditongos decrescentes do latim eram grafados **AE, OE, AV**; sua transcrição é [aj], [ɔj], [aw]. Os ditongos crescentes começam ou por [w] ou por

[j]. Alguns teóricos consideram essas semivogais dos ditongos crescentes como **semiconsoantes**. Não partilhamos essa opinião: sabemos que, na Variante Popular do Latim, elas sofreram o processo fonológico de **consonantização**, mas pensamos que na Variante Culta eram verdadeiras semivogais.

Apresentamos, a seguir, um quadro com exemplos de transcrição de vogais.

QUADRO I

GRAFIA LATINA EM MAIÚSCULAS	GRAFIA LATINA EM MINÚSCULAS	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
MATER	mater	[ˈmater]
PATER	pater	[ˈpater]
CENA	cena	[ˈkenə]
PEDES	pedes	[ˈpedeːs]
RIDES	rides	[ˈrides]
VIDES	uides	[ˈwides]
PONO	pono	[ˈponoː]
ROSA	rosa	[ˈrɔsa]

Acrescentamos um quadro com exemplos de ditongos (os quais eram todos orais).

QUADRO II

GRAFIA LATINA EM MAIÚSCULAS	GRAFIA LATINA EM MINÚSCULAS	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CAELVM	caelum	[ˈkajlʊm]
FOEDA	foeda	[ˈfɔjda]
AVRVM	aurum	[ˈawrɔm]
VACCA	uacca	[ˈwakkɑ]
IANVA	ianua	[ˈjanua]

CONSOANTES DA VCL E CONSOANTES DO PORTUGUÊS

Convém observar que nem todas as consoantes que aparecem na língua portuguesa atual existiam na VCL. Certas consoantes foram aparecendo na VPL: é o caso de [v], de [ʒ]. As consoantes [z], [ʃ], [ɲ], [ʎ], as africadas [tʃ], [dʒ] do português não ocorriam nem na VCL, nem na VPL. Não devemos, por exemplo, ler **ROSA**, **TITVS**, **DIGITVS** como [ˈrɔzɑ], [ˈtʃitʊs], [ˈdʒigitʊs], mas como [ˈrɔsɑ], [ˈtitʊs], [ˈdigitʊs].

CONSOANTES GEMINADAS

É importante notar que na VCL havia consoantes **geminadas**, que corresponderiam a consoantes **alongadas**.

Pode acontecer, na língua latina e em outras línguas, que uma consoante apareça repetida. Os falantes de língua portuguesa têm dificuldade para entender esse fenômeno, porquanto, na grafia do português, até à década de 1930, apareciam consoantes repetidas, como, por exemplo, em **commércio**, **efficiente**, **grammática**, mas essa grafia de letras duplicadas não influía em nada na pronúncia, sendo apenas um resquício da grafia da língua latina.

Saussure trata de problema relacionado, quando fala da questão da **abertura** ou **fechamento das consoantes** (Saussure, 64 ss.). Os foneticistas atuais distinguem, na prolação das consoantes, três momentos básicos: a **catástase**, a **articulação sistente** e a **metástase**. Outros propõem os termos **intensão**, **tensão**, **distensão**. Os termos de Saussure são mais claros. É o que vemos no exemplo que ele propõe de **appa**. Saussure diz que no primeiro **p** ocorre um fechamento – que ele chama de **implosão** - e, no segundo, uma abertura –

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

que ele chama de **explosão**. Entre esses dois momentos, há um momento, mais ou menos prolongado (um tipo de pausa), que ele chama de **articulação sustentada (ou tensão)**.

Nas consoantes geminadas, ocorre uma articulação sustentada um pouco mais longa do que nas consoantes comuns. Essas consoantes geminadas podem ser, na língua latina [bb], [kk], [dd], [ff], [gg], [ll], [mm], [nn], [pp], [rr], [ss], [tt], como aparecem nos exemplos abaixo:

ABBREVIARE, ACCENDO, ADDVCO, AFFLIGO, AGGERO, ALLIDO, SVMMVS, ANNVS, OPPRIMO, CVRRO, OSSA, ATTINGO.

O AGMA

Convém fazer uma observação sobre o **agma**. Apoiando-nos em Faria, sabemos que o /n/ anterior a uma consoante velar não era pronunciado como dental e sim, como um /n/ velar, isto é, como um tipo de nasalidade. Os antigos escritores chegaram a escrever, por exemplo, **AGGV- LVS**, em vez de **ANGVLVS**. Imitavam a escrita grega, por exemplo, de **ΑΓΓΕΛΟΣ**. O termo **agma** já era usado pelos gramáticos latinos. Será representado por nós pelo símbolo [ŋ] (ou [ŋ̃], se for seguido de consoante anterior). Sirva como exemplo a palavra **INCEDO**, representada por [iŋˈke:do:]. Segundo Faria, também ocorre o agma em **GN**, como na palavra **DIGNVS**, [ˈdiŋnos]. O termo **agma**, apesar de referido por Faria, não é registrado por Meillet-Ernout, no Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine, nem pelo próprio Faria, em seu Dicionário Escolar Latino-Português.

QUADRO III - CONSOANTES

CONSOANTE	SÍMBOLO	EXEMPLO
b	[b]	[ˈbois]
p	[p]	[ˈparro:]
f	[f]	[ˈfakro:]
gn	[ŋ]	[ˈdimɲus]
d	[d]	[ˈdi:ko:]
t	[t]	[ˈtabula]
s	[s]	[ˈsa:ro:]
g	[g]	[ˈgenʊ]
c	[k]	[ˈkirkos]
ch	[x]	[ˈxristos]
ph	[ph]	[philoˈlogra]
th	[th]	[theˈatrom]
x	[ks]	[ˈaksis]
m	[m]	[ˈmare]
n	[n]	[ˈnatos]
h	[h]	[ˈhabeo:]
l	[l]	[ˈlupos]
r	[r]	[ˈdura]
rr	[rr]	[ˈkurro:]
ng	[ŋg]	[ˈaŋgulos]
nc	[ŋk]	[ɪŋˈkedo:]
z	[dz]	[ˈdze:los]

LEMBRETES

- a) Todo /e/ longo é também **médio alto**: [e:].
- b) Todo /e/ breve é também **médio baixo**: [ɛ].
- c) Todo /o/ longo é também **médio alto**: [o:].
- d) Todo /o/ breve é também **médio baixo**: [ɔ].
- e) O /i/ e o /u/ tônicos são **altos altos**.
- f) O /i/ e o /u/ átonos são **altos baixos**.

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

- g) Todo /g/ é sempre **velar: [g]**. Excetua-se o caso do **agma (g antes de m/n)**.
- h) Todo /c/ é sempre **velar: [k]**.
- i) Toda letra – x – corresponde ao **fone africado [ks]**.
- j) Toda letra – z – corresponde ao fone **africado [dz]**.
- l) O ditongo [aj] é grafado em latim **-ae-**.
- m) O ditongo [ɔj] é grafado em latim **-oe-**.
- n) Todo ditongo é necessariamente **longo**. Não é necessário marcar os dois pontos.

EXEMPLOS DE TRANSCRIÇÕES

Nos exemplos abaixo, apresentamos pequenas sentenças, grafadas com letras capitais, com minúsculas, com transcrição fonética e com tradução por- tuguesa.

a) LVPVS ET AGNVS AD RIVVM VENERVNT

Lupus et agnus ad riuum uenerunt.

[ˈlʊpʊs et ˈaɡnʊs ad ˈriwʊm weˈnerʊnt]

Um lobo e um cordeiro foram para um rio (riacho).

b) ATHLETA IN STADIUM CVRRIT

Athleta in stadium currit.

[athleːta in ˈstadiʊm ˈkʊrrit]

O atleta corre para o estádio.

c) IVLIVS IN THEATRVM VADIT

Iulius in theatrum uadit.

[ˈjuːlios in theˈɑːtrʊm ˈwaːdit]

Júlio vai para o teatro.

d) LIVIA IN CVLINAM IT

Lívia in culinam it.

[ˈli:wi̯a in kʊˈlinam ˈit]

Lívia vai à cozinha.

e) MAGISTRA IN LECTVLVM VADIT

Magistra in lectulum vadit.

[mɑːɡistrɑ in ˈlɛktulʊm ˈwɑ:dɪt]

A professora vai para a cama.

f) DISCIPVLA IN BIBLIOTHECAM INTRAT

Discípula in bibliothecam intrat.

[dɪsˈkɪpʊla in biːbliʊˈθɛ:kɑm ˈɪntrɑt]

A aluna entra na biblioteca.

g) ATHLETA IN STADIO CVRRIT

Athleta in stadio currit.

[ɑːθlɛːtɑ in ˈstɑdiʊː ˈkʊrrɪt]

O atleta corre no estádio.

h) CAESAR LIBRVM DISCIPVLO DAT

Caesar librum discipulo dat.

[ˈkɑjsɑr ˈlɪbrʊm dɪsˈkɪpʊloː ˈdɑt]

César dá o livro ao aluno.

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

SEGUNDA PARTE TAREFAS DE TRANSCRIÇÃO

TAREFA 1

Faça a transcrição fonética dos seguintes vocábulos latinos:

MENSA SCRIBO CAELVM TERRA FOEDA

Observações: 1 As vogais sublinhadas são breves; a semivogais são breves. As vogais não sublinhadas são longas. – 2 A transcrição deve ser posta *dentro* das linhas duplas.

.....
.....
.....

TAREFA 2

Faça a transcrição fonética da seguinte sentença latina:

MILITES ROMANI VENERVNT, VIDERVNT, VICERVNT.

(Milites Romani uenerunt, uiderunt, uicerunt.)

(Os soldados romanos vieram, viram, venceram.)

São longas por natureza, as vogais das seguintes sílabas:

mi – tes – ro – ma – ni – ue – ne – ui – de – ui – ce

São tônicas as seguintes sílabas: mi – ma – ne – de – ce

Coloque a transcrição **dentro** das linhas **duplas** que seguem:

.....
.....
.....

TAREFA 3

Faça a transcrição fonética da seguinte sentença:

GLORIA IN EXCELSIS DEO ET IN TERRA PAX.

(Gloria in excelsis Deo et in terra pax.)

(Glória nas alturas a Deus e na terra paz.)

São **longas** por natureza, as vogais das seguintes sílabas:

glo – sis – o – ra – pax

São **tônicas** as seguintes sílabas: **glo – cel – de – ter – pax**

.....

.....

TAREFA 4

Faça a transcrição fonética da seguinte sentença:

VACCAE FOEDAE IN CAMPVM IAM FVGERVNT.

(Vaccae foedae in campum iam fugerunt.)

(As vacas feias fugiram para o campo.)

São **longas** por natureza, as vogais das seguintes sílabas:

fu - ge

São **tônicas** as seguintes sílabas: **uac – foe – cam – iam – ge**

.....

.....

CHAVES DAS TAREFAS

TAREFA 1

Faça a transcrição fonética dos seguintes vocábulos latinos:

<u>MENSA</u>	<u>SCRIBO</u>	<u>CAELVM</u>	<u>TERRA</u>	<u>FOEDA</u>
mɛnsa	skri:bo:	kajlɔm	terra	fɔjda

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

TAREFA 2

MILITES	ROMANI	VENERVNT	VIDERUNT	VICERVNT
mi:lɪte:s	ro:ma:ni:	we:ne:rɒnt	wi:de:rɒnt	wi:ke:rɒnt

TAREFA 3

GLORIA IN EXCELSIS DEO ET IN TERRA PAX
[ˈɡlo:ri:a in eksˈkɛlsɪs ˈdeo: et in ˈtɛrɾa: ˈpa:ks]

TAREFA 4

VACCAE FOEDAE IN CAMPVM IAM FVGERVNT.
[ˈvakkaj ˈfojdaj in ˈkampɒm ˈjam ˈfɔ:ʒɛ:rɒnt]

BIBLIOGRAFIA

- COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990.
- ERNOU, A., MEILLET, A. *Dictionnaire étymo- logique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1967.
- FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.
- . *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- LABOV, W. *Sociolinguistique*. Paris: De Minuit, 1976.
- LOWE, R. J. *Fonologia: avaliação e intervenção: aplicações na patologia da fala*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MARTIN, F. *Les mots latins*. Paris: Hachette, 1941.
- NIEDERMANN, M. *Phonétique historique du latin*. Paris: Klincksieck, 1953.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1999.
- VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1967.